

Maricel Mena-López
Silvia Regina de Lima
Tradução: José Ademar Kaefer

Apresentação

Este número especial da Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana (RIBLA) nasce de uma convicção compartilhada: que a Bíblia, lida a partir das experiências, memórias e lutas dos povos africanos e afrodescendentes, se revela como um texto vivo, polifônico e profundamente libertador. Longe de ser um livro imposto pelo colonizador para justificar a opressão, as Escrituras têm sido, em contextos de escravidão, colonialismo e racismo estrutural, um território de resistência, um espelho de dignidade e um horizonte de esperança.

Este número reúne contribuições de biblistas, teólogas e historiadores da África continental, América Latina, Caribe e Estados Unidos, em um diálogo que atravessa oceanos e tradições interpretativas. A diversidade linguística — português, espanhol, inglês — que caracteriza os artigos é, em si mesma, um testemunho da pluralidade de vozes que compõem a diáspora africana nas Américas e no continente mãe. Juntos, esses textos oferecem um mapa polifônico das hermenêuticas bíblicas que emergem quando aqueles que foram historicamente silenciados ganham voz e se aproximam do texto sagrado com suas próprias perguntas, desde seus corpos racializados, suas memórias ancestrais e suas lutas cotidianas.

Organizamos este número em seis movimentos que dialogam entre si, entrelaçando reflexões teóricas, leituras exegéticas e recuperações históricas.

1. Abertura: perspectivas teórico-metodológicas

Abrimos o volume com dois artigos que estabelecem as bases epistemológicas de uma hermenêutica bíblica situada na África e em sua diáspora. Jeremy Punt, em *Considering theories and methods in African biblical scholarship*, oferece uma reflexão crítica sobre os marcos teóricos que configuraram a erudição bíblica africana, questionando as categorias herdadas do colonialismo acadêmico e propondo caminhos para uma exegese contextual e descolonizadora.

Por sua vez, Gerald O. West e Sithembiso Zwane, a partir da experiência do Ujamaa Centre na África do Sul, apresentam em *African Biblical Interpretation as Participatory Community-Based Development* uma metodologia de interpretação bíblica comunitária que articula leitura do texto, análise do contexto e ação transformadora. Ambos os textos estabelecem o horizonte metodológico que atravessa todo o volume: a Bíblia é lida desde a base, em diálogo com as realidades de opressão e em função da libertação.

Finalmente, Silvia Regina de Lima Silva em *Histórias escritas com laços de água: hermenêutica negra latino-americana e caribenha – um diálogo com Marcos 1,9-11* propõe uma reflexão sobre a Hermenêutica Negra Latino-Americana e Caribenha (HNLAC), entendendo-a como um exercício intelectual de interpretação bíblica e um ato de resistência frente ao racismo epistêmico e à colonialidade da alma. Este texto mergulha na metáfora das águas para

estabelecer um diálogo com Marcos 1,9-11: a água, vinculada ao batismo de Jesus, é também expressão do sagrado para as comunidades negras, que fortalecem ações coletivas para a superação do racismo.

2. Antigo Testamento: presenças africanas e hermenêuticas decoloniais

Um primeiro bloco dentro do Antigo Testamento recupera as marcas da África no coração do texto sagrado. Maricel Mena López, em *De la periferia al centro de la esperanza: Etiopía (Kush) no profetismo bíblico*, traça a trajetória teológica de Kush desde o século VIII a.C. até os períodos exílico e pós-exílico, demonstrando que a presença africana na profecia bíblica não é marginal, mas central, e que sua recuperação constitui uma tarefa hermenêutica decolonial de primeira magnitude. Helder Luis Carlos, em *On the Road from Moab to Judah: Intersecting Economic and Sexual Struggles in Ruth 1:6-22*, lê a viagem de Noemi e Rute a partir de uma perspectiva que entrelaça as lutas econômicas e sexuais das mulheres migrantes, ressoando com as experiências de deslocamento que atravessam a história africana e afrodiáspórica.

Um segundo bloco aprofunda em hermenêuticas decoloniais e africanas sobre textos do Antigo Testamento. Hulisani Ramantswana, em *Subversion or Infiltration of the Empire: Decolonial Reading of the Esther Narrative*, oferece uma leitura de Ester que desmonta as lógicas de assimilação ao império e propõe perguntas radicais sobre as estratégias de resistência em contextos de dominação. Madipoane Masenya, em *On Being 'ādām in Africa: Psalm 8 within an African Epistemology*, interroga o Salmo 8 a partir de epistemologias africanas, problematizando as noções de humanidade e dignidade em diálogo com as experiências das mulheres negras na África do Sul. Kenneth N. Ngwa, em *Follow the Raven and the Dove: Survival and Regeneration in Genesis 6-9 and in the Cameroonian Postcolony*, estabelece um diálogo entre o relato do dilúvio e a realidade da pós-colônia camaronense, propondo uma leitura que prioriza a agência dos agentes não humanos e as margens como espaços de regeneração.

3. Novo Testamento: resistências a partir das margens

Os artigos dedicados ao Novo Testamento concentram-se na figura de Jesus como aquele que subverte as lógicas do poder e se coloca ao lado dos excluídos. Nathalia Montezuma, em *Os custos da resistência: uma releitura da viúva persistente (Lc 18,1-8) à luz do feminismo negro*, relembra a parábola da viúva persistente a partir das experiências das mulheres negras, problematizando a romantização da resistência e tornando visíveis os custos físicos, emocionais e sociais da luta cotidiana por justiça. María Cristina Ventura, em *La resistencia a "lo mío": Lucas 12,13-21 en diálogo con Mamá Tingó*, coloca em diálogo a parábola do rico insensato com a figura de Mamá Tingó, liderança campesina afro-dominicana assassinada por defender a terra comunitária, mostrando como a crítica de Jesus ao individualismo possessivo ressoa com as lutas das mulheres afrodescendentes pelos bens comuns.

4. Hermenêuticas africanas e afrodiáspóricas em contexto

Este bloco reúne artigos que, além da análise de um texto bíblico

específico, recuperam tradições interpretativas, movimentos históricos e práticas comunitárias de leitura da Bíblia na África e na diáspora. Pedro Acosta-Leyva, em *Etiopismo e história da autonomia africana*, traça a história do movimento etiopista, uma corrente teológica e política que, desde o final do século XIX, interpretou o Salmo 68,31 como fundamento bíblico para a autonomia eclesial e política dos povos africanos e afrodescendentes. Allen Dwight Callahan, em *“O Livro Falante”*: *Algumas Notas sobre a Escravidão e as Escrituras nos Estados Unidos*, examina o encontro dos escravizados nos Estados Unidos com a Bíblia, desde as primeiras leituras insurgentes até as narrativas de liberdade que fizeram das Escrituras um “livro que fala” para aqueles que tinham proibido ler.

Gricélia Cruz, em *Por uma Leitura Afrocentrada da Bíblia: O Protagonismo do Coletivo Negro Evangélico Cuxi*, apresenta a experiência do Coletivo Cuxi no Brasil, um movimento de evangélicos negros que, a partir de uma leitura afrocentrada da Bíblia, recupera os personagens africanos do texto sagrado e os articula com práticas antirracistas e de enfrentamento à intolerância religiosa.

Jacob Onyumbwe Wenyi, em *The Great Lakes Initiative and the Contextual Hermeneutics of Reconciliation*, reflete sobre sua experiência na Iniciativa dos Grandes Lagos, um movimento de reconciliação que articula interpretação comunitária das Escrituras, lamento coletivo, análise do contexto e construção de redes como caminhos para a cura de comunidades marcadas pela violência crônica.

Finaliza este bloco o texto de Carmen Margarita Sánchez De León, *El cangrejo y el pulpo salieron a bailar: la cristología salvífica de Don Tite Curet Alonso*, onde propõe uma hermenêutica bíblica afro-caribenha a partir da música popular. A partir de duas canções de Catalino Curet Alonso, Carmen reinterpreta o maná, o sangue de Cristo e a promessa escatológica a partir das tradições orais africanas (*pataki, djeli*). E no corpo assassinado de Adolfinia Villanueva Osorio, mulher negra de Loíza, Porto Rico, a autora lê uma Crista cuja sangue derramado desperta consciências e reivindica justiça, oferecendo uma cristologia situada nas lutas concretas pela terra e pela dignidade.

5. Desafios contemporâneos: rumo a uma interpretação bíblica africana na África lusófona

Encerramos o percurso com um artigo que aponta para os desafios pendentes no campo da interpretação bíblica africana. Teresa Chateia David, em *Liberating Biblical Interpretation: The Need for African Biblical Interpretation in Lusophone Africa*, analisa a realidade dos países africanos de língua portuguesa, onde a interpretação bíblica tem sido historicamente marcada pela dependência da hermenêutica latino-americana devido à barreira linguística. A autora argumenta com urgência a necessidade de incorporar a interpretação bíblica africana nos currículos teológicos da África lusófona, assim como de fomentar colaborações com a tradição anglófona para promover um engajamento mais libertador com os textos bíblicos.

6. Epílogo: um horizonte compartilhado

Os textos reunidos neste número nos mostram que ler a Bíblia a partir da África e de sua diáspora não é um exercício arqueológico nem um gesto

identitário isolado. É uma prática hermenêutica situada, que assume a densidade das histórias de violência, mas também a potência das memórias de resistência. É uma tarefa de restituição epistêmica que devolve ao texto sagrado seu caráter polifônico e desmonta os mecanismos de apagamento que, durante séculos, ocultaram as raízes africanas da fé bíblica. É, finalmente, um compromisso ético que exige que a recuperação hermenêutica se traduza em práticas eclesiais e comunitárias antirracistas, onde a memória da África não seja um enfeite exegético, mas o fundamento de uma práxis de justiça.

Agradecemos profundamente a cada autor e autora por compartilhar sua voz e seu saber, e à RIBLA por abrir suas páginas a este diálogo indispensável. Que este número de RIBLA seja semente de novas conversas, ponte entre margens e ferramenta para aqueles que, em suas comunidades, continuam lendo a Bíblia com os pés no chão e o horizonte da libertação no coração.